

*EDITORIAL***UMA EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE GÊNERO:
DANDO VOZ AO SILÊNCIO****AN SPECIAL EDITION ABOUT GENDER: GIVING
VOICE TO THE SILENCE****Rafael de Siqueira Guimarães¹****Viviane Vergueiro²****Ivan Fortunato³**

Salvador/Ilhéus/Itapetininga/São Paulo, 21 novembro 2016

As visibilidades das lutas contra a opressão de gênero tiveram como contraposição atitudes contrárias de setores mais conservadores da sociedade brasileira. Entre 2014 e 2015, quando foram instituídos os Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação, muitos grupos políticos, ligados às tradições das elites fundantes da História do Brasil, se apropriaram discursivamente dos conceitos científicos sobre as relações de gênero para criar o termo "ideologia de gênero", com o intuito de desqualificar, por meio de argumentações embebidas de preconceitos, as lutas travadas pelos direitos das Mulheres, pelos direitos LGBTI e, mais especificamente, pelos direitos das pessoas trans travestis (homens e mulheres trans, pessoas não binárias, travestis).

Em 2016, ano de um golpe parlamentar que trouxe a exclusão das mulheres de todo o primeiro escalão do governo, o esfacelamento do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, as lutas se arrefecem, diante da perda de direitos como prognóstico de uma

¹ ETC/UFSB/Elenco de Ouro.

² CUS/UFBA.

³ Nutecca.

sociedade que herda uma história de 354 anos de escravidão, de contínua perseguição a mulheres e pessoas LGBTI, que nega o genocídio da juventude negra, que expulsa povos tradicionais de suas terras, que fortalece os grandes empreendimentos imobiliários e agroindustriais. Nesse sentido, o lançamento deste Dossiê tem caráter estético-político.

Aqui propomos um conjunto de estudos, ensaios e experiências que refletem, através de distintas fundamentações críticas, sobre estes discursos, por compreendê-los como embasados em postulações que colonizam corpos e vidas, controlando também o exercício da produção de saberes e, principalmente, extrapolando seu espaço de atuação dentro das instituições conservadoras de onde surgem. Assim, este dossiê visa a promoção de perspectivas decoloniais e sobre as relações entre colonialidade, gênero, identidades de gênero e seus desdobramentos. Tivemos o prazer de receber textos de muitas partes do país e de distintos locais de fala, e consideramos que nosso objetivo inicial, que é trazê-lo à público, foi alcançado. Agora, este Dossiê segue vida própria, como produção coletiva.

Assim, Carla Vestena e Juliana Berg nos trazem importante reflexão sobre as meninas quilombolas do interior do Paraná; Elvira Herrejón nos coloca criticamente a pensarmos sobre os processos de silenciamento produzidos nas relações de gênero; Roberta Stubs propõe uma estética-devir-que-transborda para a pesquisa e vida na afirmação do múltiplo; Ronie Silveira indica, na Filosofia ocidental, apontamentos sobre a categoria gênero como indeterminação; Célia Regina da Silva trata de evidenciar o webfeminismo como política discursiva; Luana Dantas e Bruna Braga nos trazem a reflexão sobre aborto, numa compreensão sobre as políticas do silenciamento; Lilian Reichert e Larissa Ruas refletem sobre as estética camponesa de mulheres de Rondônia, por meio de suas próprias vivências; Roberta Polak, Rafael Guimarães e Gilmar Cruz apresentam narrativas de pessoas trans* no seu processo de escolarização; Karla Kian e Alvaro Alves refletem sobre a representação da mulher no

sertanejo universitário; Maria Aparecida Lopes reflete sobre a solidão da mulher negra no contemporâneo; Sandro Ferreira traz importantes referências para ,em tempos ainda mais conservadores, pensarmos as ações afirmativas; Débora Opolski e Everton Ribeiro discutem heteronormatividade e família, trazendo os marcadores para a infância; Dávila Santos e Marcos Cassandre discutem lésbicas e suas vivências no mercado de trabalho; Alexandro Silva discute, de forma bastante abrangente, a dinâmica da permanência estudantil; Pâmela Stocker traz importante reflexão sobre os discursos jornalísticos nas disputas de narrativas; Luan Cassal e Vanessa Pereira indicam, mais especificamente, formas de enfrentamento a esta manipulação discursiva chamada “Ideologia de Gênero”; Gelson Silva discute conceitualmente acerca da homossexualidade e seus desdobramentos; Paula Gorini nos traz importante reflexão sobre os movimentos sociais feministas e suas articulações contemporâneas, e Scheila Nascimento apresenta resenha crítica do livro de Tânia Pinafi sobre os movimentos de lésbicas no Brasil.

A amplitude deste Dossiê chegou a alguns rincões do Brasil profundo. Todo Brasil é profundo. Ocupar este lugar de fala numa revista voltada à Educação em geral nos pareceu muito importante no caminho de uma afirmatividade da luta por nenhum direito a menos, pela qualificação conceitual da amplitude do campo de estudos de gênero, dos corpos e das sexualidades. Agradecemos a cada uma e cada um que se incorporou nesta empreitada conosco e convidamos agora a cada leitora e leitor a compartilhar conosco desta experiência.

Boa leitura!